

Aytoniaceae Cavers

Denise Pinheiro da Costa

Jardim Botânico do Rio de Janeiro; denisepinheirodacosta@gmail.com

Este tratamento é composto pelos seguintes táxons: Aytoniaceae, *Asterella*, *Plagiochasma*, *Reboulia*.

COMO CITAR

Costa, D.P. 2020. Aytoniaceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB97891>.

DESCRIÇÃO

AYTONIACEAE Cavers, New Phytol. 10(1/2): 42 1911.

Talo mediano, com poros simples, cercados por uma fileira de anéis concêntricos de células. Câmaras aeríferas em duas ou mais camadas, sem filamentos clorofilados. Escamas ventrais grandes em duas fileiras. Anterídios agrupados e embebidos na superfície dorsal do talo ou em receptáculos sésseis. Arquegônios em receptáculos. Receptáculo feminino pedunculado, ligeiramente lobado. Esporófitos cercados por um pseudoperianto, com seta curta. Cápsula abrindo por um opérculo. Esporos grandes. Paroica.

Forma de Vida

Talosa

Substrato

Rupícola, Terrícola

DISTRIBUIÇÃO

Nativa, não é endêmica do Brasil

Domínios Fitogeográficos

Cerrado, Mata Atlântica, Pampa

Tipos de Vegetação

Campo Limpo, Cerrado (lato sensu), Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista, Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos

Distribuição Geográfica

Ocorrências confirmadas

Nordeste (Bahia, Pernambuco)

Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso)

Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo)

Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina)

CHAVE DE IDENTIFICAÇÃO

Chave para os gêneros de Aytoniaceae ocorrentes no Brasil (baseada em: Bischler et al. 2005; Hässel de Menéndez 1962)

1. Anterídios na superfície dorsal do talo ou no ápice dos ramos adventícios. Arquegonióforo na região mediana, na superfície dorsal do talo; pedúnculo sem rizóides *Plagiochasma*

1. Anterídios na superfície dorsal do talo, na região terminal. Arquegonióforo terminal, na superfície dorsal do talo principal; pedúnculo com rizóides..... 2

2. Invólucro com abertura radial, receptáculo feminino, lunulado, hemisférico ou cônico, pedúnculo com escamas filiformes na base e ápice, sem pseudoperianto..... *Reboulia*

2. Invólucro com abertura excêntrica, receptáculo feminino hemisférico, pedúnculo com pequenas escamas na base, pseudoperianto laciniado..... *Asterella*

Asterella P.Beauv.

Este tratamento é composto pelos seguintes táxons: *Asterella*, *Asterella venosa*.

COMO CITAR

Costa, D.P. Aytoniaceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB97892>.

Tem como sinônimo

heterotípico *Fimbraria* Nees

DESCRIÇÃO

Asterella P. Beauv., in Cuvier, Dict. Sc. Nat. 3: 257. 1805. Tipo: *Asterella tenella* (L.) P.Beauv.

Talo com 1-2 cm de compr., simples ou bifurcado, lobos com margens sinuosas, avermelhadas. Poros simples, ligeiramente proeminentes. Câmaras aeríferas em duas camadas, com filamentos clorofilados curtos, delgados ou sem filamentos. Escamas ventrais em uma fileira de cada lado da nervura, púrpuras, com apêndices, não projetadas além da margem dos talos. Anterídios agrupados ao longo do talo na região mediana. Receptáculo feminino hemisférico, verrucoso, pseudoperianto laciniado, pedúnculo com pequenas escamas na base. Paroica.

Forma de Vida

Talosa

Substrato

Terrícola

DISTRIBUIÇÃO

Nativa, não é endêmica do Brasil

Domínios Fitogeográficos

Cerrado, Mata Atlântica

Tipos de Vegetação

Campo Limpo, Cerrado (lato sensu), Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista

Distribuição Geográfica

Ocorrências confirmadas

Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso)

Sudeste (Minas Gerais, São Paulo)

Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina)

BIBLIOGRAFIA

Bischler-Causse, E. et al., Flora Neotropica, Monograph, 97/1-262, 2005.

Vianna, E.C., Bol. Inst. Bioci. Univ. Fed. Rio Grande do Sul, 38/1-213, 1985.

Asterella venosa (Lehm. & Lindenb.)

A.Evans

DESCRIÇÃO

Asterella venosa (Lehm. & Lindenb.) A.Evans, Contr. U.S. Nat. Herb. 20: 286. 1920. Basiônimo: *Fimbriata venosa* Lehm. & Lindenb. in Lehmann, Nov. Stirp. Pug. 4: 29. 1832. Tipo: Brasil, sem localidade, *Sellow 104* (lectótipo: S – Grolle, 1989). Talo delicado, com 1-2 cm de compr., plano ou ligeiramente côncavo, bifurcado, margens delgadas, sinuoso-crispadas. Poros ligeiramente proeminentes, cercado por 7-8 série de células. Câmaras aeríferas na região mediana, com 2-3 camadas. Escamas ventrais pequenas, ovadas, púrpuras, dispostas em duas fileiras, uma em cada lado da nervura. Anterídios agrupados ao longo do talo na região mediana próximo ao pedúnculo do receptáculo feminino (arquegonióforo). Receptáculo feminino hemisférico, verrucoso, com 3-4 mm diam., tuberculado, com 4 lobos, pseudoperianto esbranquiçado ou amarelado. Esporos castanho amarelados, com asas onduladas, reticulados, retículo ondulado. Paroica.

COMENTÁRIO

Distribuição e ecologia: Ampla no Sul do Neotrópico, sendo considerada rara no norte (México, Brasil, Uruguai e Argentina). No Brasil ocorre nos domínios Cerrado, Mata Atlântica e Pampa, nos estados de GO, MG, MS, MT, PR, RS, SC, SP, crescendo sobre solo de barrancos ao longo de córregos, ca. 1000 m.

Comentários: Nesta espécie os anterídios crescem em grupo sobre o talo principal na base do pedúnculo dos arquegonióforos, que por sua vez crescem nos entalhes do ápice das ramificações.

Forma de Vida

Talosa

Substrato

Terrícola

DISTRIBUIÇÃO

Nativa, não é endêmica do Brasil

Domínios Fitogeográficos

Cerrado, Mata Atlântica

Tipos de Vegetação

Campo Limpo, Cerrado (lato sensu), Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista

Distribuição Geográfica

Ocorrências confirmadas

Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso)

Sudeste (Minas Gerais, São Paulo)

Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina)

MATERIAL TESTEMUNHO

Wasum, R.A., 5035, FURB (FURB60210), Rio Grande do Sul

Peralta, D.F., 1671, HSJRP, Mato Grosso do Sul

A. Sehnem, 1034, ICN, Rio Grande do Sul

A. Sehnem, 5396, ICN, Santa Catarina

Costa, D.P. et al., 5622, RB, Minas Gerais

D. M. Vital, 2019, JE, Paraná

Ferreira, K.M., 4, HSJRP, São Paulo

Magalhães, C., 10, HSJRP, Mato Grosso
Vital, D.M., 3044, SP, Goiás
Yano, O., 2181, SP, Paraná

IMAGENS DE CAMPO/ILUSTRAÇÕES



Figura 1: *Asterella venosa* (Lehm. & Lindenb.) A.Evans



Figura 2: *Asterella venosa* (Lehm. & Lindenb.) A.Evans



Figura 3: *Asterella venosa* (Lehm. & Lindenb.) A.EvansFigura 4: *Asterella venosa* (Lehm. & Lindenb.) A.Evans

Maria Alice de Rezende

Figura 5: *Asterella venosa* (Lehm. & Lindenb.) A.Evans

BIBLIOGRAFIA

- Bischler-Causse, E. et al., Flora Neotropica, Monograph, 97/1-262, 2005.
Vianna, E.C., Bol. Inst. Bioci. Univ. Fed. Rio Grande do Sul, 38/1-213, 1985.

Plagiochasma Lehm. & Lindenb.

Este tratamento é composto pelos seguintes táxons: *Plagiochasma*, *Plagiochasma rupestre*.

COMO CITAR

Costa, D.P. Aytoniaceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB97894>.

Tem como sinônimo

heterotípico *Aytonia* J.R. Forst. & G. Forst.

DESCRIÇÃO

Plagiochasma Lehm. & Lindenb., in Lehmann, Nov. Stirp. Pug. 4: 13. 1832. Tipo: *Plagiochasma cordatum* Lehm. & Lindb., Nov. Stirp. Pug. 4: 13. 1898.

Talo com 1-2 cm de compr., simples ou bifurcado, lobos planos, frágeis, 4-7 mm de largura, ápice retuso. Epiderme dorsal aparentemente não reticulada, com poros simples. Câmaras aeríferas em 2-3 camadas irregulares, sem filamentos clorofilados. Escamas ventrais grandes, rosada ou púrpuras, dispostas em uma fileira de cada lado da nervura, com apêndices basais constrictas e hialinas, projetadas além das margens dos lobos. Receptáculo masculino circular ou reniforme, séssil, com anterídios cercados por pequenas escamas lanceoladas no meio do talo. Receptáculo feminino na região mediana do talo, circular, assimétricos, pedúnculo com 4-7 mm de comprimento, com escamas filiformes na base e ápice. Polioica.

Forma de Vida

Talosa

Substrato

Rupícola, Terrícola

DISTRIBUIÇÃO

Nativa, não é endêmica do Brasil

Domínios Fitogeográficos

Mata Atlântica, Pampa

Tipos de Vegetação

Campo Limpo, Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista, Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos

Distribuição Geográfica

Ocorrências confirmadas

Nordeste (Bahia, Pernambuco)

Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo)

Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina)

BIBLIOGRAFIA

Bischler-Causse, E. et al., Flora Neotropica, Monograph, 97: 1-262. 2005.

Vianna, E.C., Bol. Inst. Bioci. Univ. Fed. Rio Grande do Sul, 38: 1-213. 1985.

Plagiochasma rupestre (Forster) Steph.

Tem como sinônimo

heterotípico *Plagiochasma bornmuelleri* Steph.

heterotípico *Plagiochasma brasiliense* Steph.

DESCRIÇÃO

Plagiochasma rupestre (J.R. Forst. & G. Forst.) Steph., Bull. Herb. Boissier 6: 783. 1898. Basiônimo: *Aytonia rupestre* J.R. Forst. & G. Forst., Char. Gen. Plant. 147. 1776. Tipo: Madeira, Funchal, Quinta do Bonsucesso, *Sérgio & Nobrega 3873* (neótipo: LISU, isoneótipos: BM, G, MAFI, PC).

Talo com 2-5 cm compr., 3-7 mm larg., bifurcado, plano a ligeiramente côncavo, ápice retuso, verde claro a verde azulado. Superfície ventral verde ou púrpura. Epiderme dorsal com poros simples, formados por 4-6 anéis de células irregulares, não elevados. Câmaras aeríferas em 3-7 camadas poliédricas ou irregulares. Escamas ventrais imbricadas, lunuladas a retangulares, púrpuras ou hialinas, dispostas em uma fileira de cada da região central do talo, com 1-2 apêndices triangulares, agudos ou acuminados. Receptáculo masculino arredondado ou reniforme, séssil, com anterídios cercados por pequenas escamas filiformes púrpuras. Receptáculo feminino pedunculado, 2-4 mm larg., na região mediana do talo, circular, assimétricos, disco plano-convexo a côncavo, vértices cônicos. Esporos amarelados a castanhos, areolados em ambas as superfícies, tuberculados. Monoica. ILUSTRAÇÃO: Bischler et al. (2005)

COMENTÁRIO

Distribuição e ecologia: Ampla no mundo. No Brasil ocorre nos domínios Pampa e Mata Atlântica, nos estados da BA, ES, GO, MG, PE, PR, RJ, RS, SC, SP, crescendo sobre solo de barrancos ou rochas, em locais úmidos, entre 0-1100 m.

Comentários: Caracteriza-se pelos poros com somente um anel de células, arquegonióforos originados na superfície dorsal do talo na região mediana, com invólucro globoso e recoberto pelo receptáculo.

Forma de Vida

Talosa

Substrato

Rupícola, Terrícola

DISTRIBUIÇÃO

Nativa, não é endêmica do Brasil

Domínios Fitogeográficos

Mata Atlântica, Pampa

Tipos de Vegetação

Campo Limpo, Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista, Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos

Distribuição Geográfica

Ocorrências confirmadas

Nordeste (Bahia, Pernambuco)

Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo)

Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina)

MATERIAL TESTEMUNHO

Claussen, M., 94, PC, Minas Gerais

A.F.M. Glaziou, s.n., NY, Rio de Janeiro

Yano, O. et al., 2995, SP, Pernambuco

Costa, D.P., 4585, RB, Santa Catarina

Vianna, E.C., s.n., ICN, 12772, Rio Grande do Sul
D. M. Vital, 1855, SP, São Paulo
Vital, D.M., 1648, SP, Bahia

IMAGENS DE CAMPO/ILUSTRAÇÕES



Maria Alice de Rezende

Figura 1: *Plagiochasma rupestre* (Forster) Steph.

Reboulia Raddi

Este tratamento é composto pelos seguintes táxons: *Reboulia*, *Reboulia hemisphaerica*.

COMO CITAR

Costa, D.P. Aytoniaceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB97896>.

DESCRIÇÃO

Reboulia Raddi, Opusc. Sc. 2: 357. 1818. Tipo: *Reboulia hemisphaerica* (L.) Raddi.

Talo com 1-3 cm de compr., bifurcado, lobos com 4-7 mm de largura, ápice retuso, margens sinuoso-onduladas, uniestratificada. Epiderme dorsal aparentemente não reticulada, com poros simples com 4-5 anéis de células concêntricas, células de paredes espessadas. Câmaras aeríferas sem filamentos clorofilados. Escamas dispostas em uma fileira de cada lado da nervura, quase lunuladas, violetas ou púrpuras, grandes, largas, com dois apêndices terminais, projetadas além das margens dos lobos. Receptáculo masculino na superfície dorsal, próximo ao pedúnculo do receptáculo feminino, lunulado, avermelhado a castanho, cercados por pequenas escamas filiformes. Receptáculo feminino hemisférico ou cônico, verrucoso, com 3-5 lobos, pedúnculo com escamas filiformes na base e ápice. Paroica

Forma de Vida

Talosa

Substrato

Rupícola, Terrícola

DISTRIBUIÇÃO

Nativa, não é endêmica do Brasil

Domínios Fitogeográficos

Mata Atlântica

Tipos de Vegetação

Campo Limpo, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)

Distribuição Geográfica

Ocorrências confirmadas

Sul (Paraná, Rio Grande do Sul)

BIBLIOGRAFIA

Bischler-Causse, E. et al., Flora Neotropica, Monograph, 97/1-262, 2005.
Vianna, E.C., Bol. Inst. Bioci. Univ. Fed. Rio Grande do Sul, 38/1-213, 1985.

Reboulia hemisphaerica (L.) Raddi

Tem como sinônimo

basiônimo *Marchantia hemisphaerica* L.

DESCRIÇÃO

Reboulia hemisphaerica (L.) Raddi, Opusc. Sci. 2: 357. 1818. Basiônimo: *Marchantia hemisphaerica* L., Sp. Pl. 2: 1138. 1753.

Tipo: Europae paludosis, *Anon s.n.* (holótipo: LINN 1269, sítipo: OXF).

Talo verde-claro, com 1-3 cm compr., bifurcado, lobos com 4-7 mm larg., ápice retuso, margens sinuoso-onduladas, uniestratificado. Epiderme dorsal aparentemente não reticulada, com poros formados por 4-6 anéis de células concêntricas, células de paredes espessadas. Câmaras aeríferas em 5-6 camadas, sem filamentos clorofilados. Escamas imbricadas, dispostas em uma fileira de cada lado da nervura, quase lunuladas, violetas ou púrpuras, grandes, largas, com 2-3 apêndices filiformes, projetadas além das margens do talo. Receptáculo masculino na superfície dorsal, próximo ao pedúnculo do receptáculo feminino, lunulado, avermelhado a castanho, ambos cercados por pequenas escamas filiformes. Receptáculo feminino hemisférico, verrucoso, com 4-7 lobos, pedúnculo com escamas filiformes na base e no ápice. Esporos castanho amarelados, areolados em ambas as superfícies, alados, asas largas, tuberculados. Monoica.

COMENTÁRIO

Distribuição e ecologia: Ampla no mundo. No Brasil ocorre no domínio Mata Atlântica, nos estados do PR e RS, crescendo sobre o solo de barrancos ou rochas, geralmente em localidades bem iluminadas, entre 0-800 m.

Comentários: Caracteriza-se pelas escamas ventrais com vários apêndices, pelo esporófito cercado por um involúcro, pela ausência de pseudoperianto, pelos arquegonióforos originados no ápice do talo, e pelo involúcro escondido no receptáculo lobado.

Forma de Vida

Talosa

Substrato

Rupícola, Terrícola

DISTRIBUIÇÃO

Nativa, não é endêmica do Brasil

Domínios Fitogeográficos

Mata Atlântica

Tipos de Vegetação

Campo Limpo, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)

Distribuição Geográfica

Ocorrências confirmadas

Sul (Paraná, Rio Grande do Sul)

MATERIAL TESTEMUNHO

Vianna, E.C., s.n., ICN, 4205, ICN, 10356, ICN, 11300, Rio Grande do Sul

A. Sehnem, 5905, ICN, Rio Grande do Sul

Yano, O., 29416, HUCS, Rio Grande do Sul

G. Hatschbach, 53246, MBM, Paraná

IMAGENS DE CAMPO/ILUSTRAÇÕES

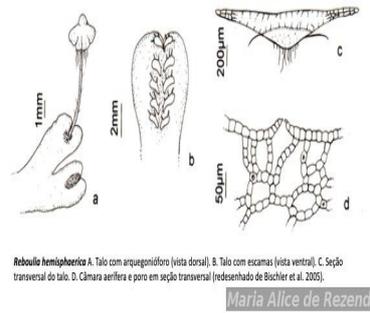


Figura 1: *Reboulia hemisphaerica* (L.) Raddi